



APANHANDO FRUTA

(«Cliché» Antonio de Brito).

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Agência da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris,
Rue des Capucines, 8

Lisboa, 16 de Agosto de 1915

Diretor: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, administração, oficinas de composição e impressão
RUAA DO SÉCULO, 43

2.ª série — N.º 495

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Trimestre.....	1820	ctv.
Semestre.....	2840	>
Ano.....	4880	>

Numero avulso, 10 centavos

REMINGTON UMC
Cartuchos Calibre
22 Para Tiro Ao Alvo
E Caça Meuda



Este alvo mostra 10 tiros feitos da distancia de 100 jardas. Feitos por J. Pepé do London Daily Telegraph. Autoridades Europeas admittem que este grupo de tiros foram os mais centralmente postos que elles conhecem. O Sr. Pepé já atirou 9000 tiros com o rifle com que elle fez esta marca—esta é uma recommendação eloquente que as munições REMINGTON-UMC não destroem nem sujam a cano.

Acham-se á venda nas principais casas d'este genero.

REMINGTON ARMS-UNION
 METALLIC CARTIDGE COMPANY
 299 Broadway, Nova-York, N. Y.,
 E. U. da A. do N.
 Representantes:
 No Sul do Brazil
 LEE & VILLELA
 Caixa Postal 420, São Paulo
 Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
 No Territorio do Amazonas
 OTTO KUHLÉN
 Caixa Postal 20 A., Manaus



Agente em Portugal: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3. Lisboa



FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
 CHIROMANTE
 E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME



Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quimranças, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruse, d'Arpenigney, madam: Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-toja)—Lisboa. Consultas a 18000 reis, 28500 e 58000 reis.

MARAVILHOSA DESCOBERTA

Nunca mais tinturas para tingir o cabelo branco

GOTAS DIVINAS

De oleo vegetal sem gordura

Restaurador infalivel da cor do cabelo, se'a louro, castanho ou preto. Usa-se com as mãos como qualquer oleo de tocader. Não suja a pele nem a roupa e ninguém podera dizer que os cabelos estejam tingidos, dada a sua naturalidade. Os estojos teem gotas para um ano. Preço 1\$50, pelo correio, 1\$70. Colonias 2s. Penteadora La Madriela, rua Diario de Noticias, 61, r/c.

SELLOS DE CORREIO

CATALOGO GRATIS E FRANCO

Remettam-se Folhas para escolher

POULAIN FRÈRES

44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

MOZAICOS — AZULEJOS —
 CAL HYDRAULICA
 CIMENTO AGUIA ROCHEDO
 GOARMON & C.
 Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
 TELEPHONE 1244 LISBOA

FORMIGAS=DESTRUIÇÃO COMPLETA DAS FORMIGAS

ROSENE

NETTO, NATIVIDADE & C.
 DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS, assim como de:
 Laboratorio Productos esterilizados Sanitas,
 Laboratorio de Granulados e Esterilizados Es-
 tacio & Filhos, Sabonete Alcatrazo composto
 Dr. Camara Pestana, Naxope Heroico contra a
 USSE confusão Espinheiro Atvar.

P.
PARTICULAR
 INSTITUTO especial para informações,
 investigações e vigilância
 de pessoas. RUA DO REGEDOR (ao Cal-
 das) 9, r/c.—LISBOA.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

N.º 495

16-8-1915

«A' quoi bon?»

Varsovia, a cidade das cem cupulas, a «Gloriosa» de Sobieski e de Leczinska, que desfalceou com Potemkim e cantou com Stravgorod,— foi tomada mais uma vez. Nenhum Kosciusko simbolizou n'uma frase o estertor da sua Patria, nenhum Botzaris polaco, nenhum Kerment do Vistula exalaram, agora, á face do mundo, a amargura dos grandes e nobres corações, eternamente moços, que sabem morrer pela independencia da sua terra. Varsovia caiu sombriamente.— Tenho aqui, de frente de mim, desenhada pelo lapis terrível de Vitor Hugo, a figura de John Brown, o defensor da liberdade dos negros, suspenso da sua forca. Pobre corpo emaciado e triste onde palpitava a mesma alma de Lincoln e de Mannin! De Leonidas até O'Connell, todos os Martires Heroes desapareceram na impalpavel poeira do passado, vivem apenas nas almas generosas e no seu luminoso logar, uma multidão anonima, brutal, varre impiedosamente o eterno pensamento da liberdade e proclama, triunfante, a nietschiana ideia da Força. E, ao olhar a face exangue e escurecida de John Brown, pensei esta cousa abominavel:— «A' quoi bon?»



Moloch

Xavier de Maistre, na sua «Viagem», fala de uma comoda que lhe era profundamente hostil. De uma vez, uma fechadura renitente ia-lhe levando um dèdo, certo prego escondido rasgou-lhe um par de calças e, nunca, nenhuma d'aquelas gavetas se abriu sem um desesperado esforço do seu proprietario. As cousas inanimadas têm, tambem, as suas antipatias e, para vencer a resistencia inerte da materia, não sei que misteriosas forças será necessario invocar. Aquela velha ferragem que, ha pouco mais de um ano, se arrastava,



lamentavel, pela calçada da Gloria, obesa e aos pulos, participando do elefante e do kangurú, viu os seus dias terminados. Está lá, agora, uma outra, pintada de novo, bastante feia — e infinitamente menos pratica. Não anda. E' um monstro impassivel que parece reclamar, imperiosamente, trabalhos, cancelas e sangue; n'aquelles dois eixos, besuntados de amarelo, existe um fundamental rancôr pelos homens.

Moloch tomou a fôrma progressiva de um elevador e só abandonou a sua imobilidade augusta, para se abater com fragôr subito, positivamente inesperado — e escavacar, com odio, uma velha e dois homens. Permaneceu, depois, novamente inabalavel. E sempre, deante d'ele, um homem, vestido de ganga, o olha desvaireado e com um tremor de ira, exclama — «Muito custa escalar a gloria!»



O cruzador «Republica»

O cruzador «Republica», navegando através da cerração, bateu n'um baixo, proximo de Peniche. Velho, inutil, uma «ferblanterie» que nem sequer tinha apparencia, gastou já, ao Estado, sem duvida, muito mais do que custou. Embora o seu valor naval se considere quasi nullo, n'um paiz pobre e de tão reduzida marinha, provocou o seu encalhe a mais dolorosa surpresa. Assim vão morrendo, ingloriamente, as nossas modestas reliquias. Entre tantas pessoas que esta catastrophe afetou de passagens, uma existe que não a esquecerá nunca. O comandante do «Republica», uma expressiva e energica figura de marinheiro portuguez, que uma casualidade, meramente accidental, em nada deslustra, atravessa n'este momento uma hora angustiada e os esforços sobre-humanos que fez para salvar o seu navio,— provam-n'o bem. Casos d'estes dão-se em todas as marinhas do mundo e não é, realmente, justo que sobre elles se faça um comentario mais ligeiro. Só quem nunca sentiu o sentimento da responsabilidade poderá desconhecer a amargura de um chefe pouco feliz. O encalhe do cruzador «Republica» não foi uma imprevidencia; foi, simplesmente, uma fatalidade.



O concurso nas Belas-Artes

Muito longe de todos nós, perfeitamente alheados de tudo que os cerca, concorrem, n'este momento, tres escultores portuguezes, ao logar de professor de estatuaría na Escola de Belas-Artes. Costa Mota, Artur Teixeira e Simões de Almeida (sobrinho) preparam, com todo o seu amor e todo o seu talento, tres estatuas do infante D. Henrique que, por certo, serão tres delicadas obras de inspiração. Colher n'um bloco o aspecto penetrante e sonhador do mais curioso dos filhos de D. João I, caracteriza-lhe a expressão taciturna e inteligente, dar-lhe a fisionomia inexprimivel que ele, tanta vez, teria tido ao debruçar-se na sua ponta de Sargres,— eis um belo e nobre trabalho, uma perfeita e pura aspiração de Arte. Infelizmente, para os tres artistas, o logat é apenas um, mas a todos eles ficará o legitimo orgulho de possuirem... o «talent de bien faire»...



MARIO DE JALMEIDA.



A morte da catedral

A batalha fôra violenta, rude, feroz, durante todo o dia. Os exercitos adversarios bateram-se sem repouso d'uma só hora, desvairá-los pela mesma anciedade de vingança, exaltados pela mesma aspiração de triunfo. Regimentos inteiros caíam sob o fogo destruidor da metralha, deixando a terra coberta de cada-veres, de sangue, de entranhas ainda palpantes, de feridos que rugiam de dor, pedindo agua com voz debil e as pobres mãos suplicantes; mas outros imediatamente avançavam, gritando, cantando hinos patrióticos, marchando com soberba arrogancia — desdenhando a morte — entre o brilho branco das armas em que o sol acendia faiscões. Por mais d'uma vez, os que defendiam o solo sagrado da Patria mutilada pelo invasor, tiveram de recuar diante da acometida do inimigo: mas logo a raiva pela humilhação sofrida exacerbava a sua furia, e de novo carregavam com bravura, com heroísmo épico, levando tudo na ponta afilada e esguia das baionetas...

No entanto, já a tarde começava a empalidecer e o combate não se definia nem se inclinava para qualquer dos beligerantes. No fundo dos vales, por onde se escondiam, nas dobras da folhagem, as aves astutadas com a ferocidade dos homens, principiavam a estender-se tenues panos de sombras. Uma penumbra veludosa e macia adoçava as fôrmas, alongando-as. Só pelos pincaros dos montes rutilava ainda um sol fulvo, iluminando gloriosamente a luta gigantesca dos heroes. O estrondo da artilharia, as descargas cerradas de fuzilaria, repercutiam-se pelas quebradas das serras, rolavam pelos outeiros como trovões.

O tumulto era formidável: — mas a ordem com que as tropas invasoras e invadidas se destruíam, n'um delírio, n'uma repentina alucinação de sangue, nem por um momento se desmanchava. Centenas de milhares de homens obedeciam rigorosamente à voz do comando, conduzidas por uma idéa superior, por um pensamento distante que vinha de longe trazido pela invisível pulsação de fios electricos ou pela telegrafia sem fios, por todos esses elementos de exterminio que o genio da humanidade inventou em meio século de constante investigação, de estudo infatigável, de subtil observação — trabalho proteico que, se houvesse sido polarizado no sentido do bem, do amor, da fraternidade, do espirito, teria modificado completamente a face do universo, dando-lhe uma prodigiosa consciencia e uma prodigiosa moral... Quasi ao cair da noite, porém, os defensores do solo ameaçado pela invasão conseguiram, depois de estorços colossaes, tomar a posição principal dos exercitos contrarios, obrigando-os a retirar precipitadamente sob o fogo inclemente das baterias de grosso calibre: e uma divisão de cavalaria rompeu n'uma galopada victoriosa em perseguição dos que fugiam, acutilhando-os, cortando-os a ferro, abrindo largas brechas nas suas fileiras, dispensando-os. Durante algum tempo, estreguiu uma jovial, sonora gritaria dos vencedores, celebrando a sua façanha que a historia immortalisaria em paginas eternas. Em seguida, a serenidade restabeleceu-se lentamente e ao alarido dramático do reconto succedeu o silencio doce e suggestivo dos que repousam felizes e com a certeza do dever cumprido. A curta distancia do exercito triunfante, que occupá-

as trincheiras do adversario, Reims adormecia tambem com a confiança de que uma força muito poderosa velava pela sua inviolabilidade.

Os soldados teutonicos já não passeavam altivamente nas avenidas, não atulhavam as praças publicas, não entravam com orgulho nos estabelecimentos, fazendo compras, não afrontavam os francezes com a exhibição teatral do seu poderio militar. O piou-piou libertira a velha cidade gloriosa, restituindo-a á França. Um luar fino espalhava uma suave e lucida claridade: e as agulhas goticas da catedral, onde foram sagrados os reis de França solenemente, elevavam-se nos ares como uma anciedade humana que procurasse um ideal longinquo. Uma a uma apagam-se as luzes e o socego torna-se mais profundo. Foi então que, de subito, uma granada alemã explodiu com fracasso sobre o monumento que era a joia mais pura da arte ogival da Europa, rasgando-lhe na frontaria um buraco lucubre. Atraz d'essa, outras vieram, devastadoras, implacaveis, mutilando estatuas, quebrando colunas, triturando misulas e fustes de uma gracilidade aérea e musical, talhando sulcos barbaros nos admiraveis labores de pedra, a que os seculos tinham comunicado uma patina especial. Não tardou que o incendio rebentasse em varios pontos, subin o do brazeiro, entre nuvens de faúlhas, as linguas, altas e lireitais das chamas. Espavorida, a população de Reims acudiu ás janelas, para se acoutar sem demora nos subterraneos das suas habitações. Os alemães, talvez para se imporem pelo terror, bombardeavam a catedral maravilhosa, que outras guerras atrozes haviam poupado com esse respeito incomparavel que as obras-primas do genio criador do homem mereceu os consciences.

Maldição! Maldição! bradavam os crentes pallidos de emoção e de colera.

Mas o bombardeamento continuava metodicamente. De momento a momento, uma bomba que voava na atmosfera translucida, riscando um longo rastro de luz, estourava com estrepito, abatendo paredes, fazendo oscilar tetos, estalando vitraes que historiavam, no encantado brilho das côres, os atos dos dona arios piedosos. A destruição seria completa!

N'esse instante, uma voz vibrante e desconhecida, que parecia evolvar-se do agitado coração da noite e que enchia o espaço, saiu da Igreja d: S. Remi, brandando:

— Eu sou uma testemunha dos seculos findos, dos dias imemoriaes, dos tempos que ha muito se extinguiram sem de si deixarem memoria amavel ou doce recordação. Já a luz do sol entrava pela minha rosacea goica, quando Julio Cesar, que aqui passou com as suas legiões, invadiu as Galias. Conheci os legionarios de Germanicos, que retalharam os barbaros das florestas com seus gladios. Conheci igualmente o grande Augusto, amigo de Horacio e de Virgilio, a quem o povo elevava arcos triunfaes que perpetuassem sua gloria impercível. Assisti ao assalto de Reims, no ano 406, e ao martirio do bispo que todas as manhãs, na pompa das suas vestes, celebrava a missa nos meus altares. E sempre essa gente não ousava tocar com mãos impuras de maculas, nas aras dos templos! Eram as épocas da barbarie!... Como é que hoje, nas éras redentoras e civilizadas, os guerreiros abatem as austeras moradas de Deus, que foram construidas, pedra a pedra, por todo um povo e que obedeceram, portanto, ás



pulsações, ao ritmo, ao idealismo de uma raça inteira?...

Da negrura dos subterrâneos, onde a população de Reims se refugiara para não ser atingida pelas granadas, ressoava continuamente o mesmo grito:

— Maldição! Maldição para aqueles que a ambição do domínio terrestre leva a todas as brutalidades!

A voz sobrenatural, que se havia calado por instantes, voltou a exclamar:

— Homens da guerra que o fumo da pólvora queima como um hálito de fogo o que as carnificinas endurecem, deixae tranquilas as catedraes, onde

constantemente se recita a oração da ternura, da bondade, do amor, da concordia entre todos os seres. Deixae as catedraes em socego, que elas não vos fazem mal algum. Não foram construidas para que a sua volta a humanidade se despedaçasse, mas simplesmente para que essa humanidade, nas suas inquietações, nos seus desmaios, nas suas amarguras, nas suas duvidas, nas suas tristezas, nos seus sofrimentos espirituales, ahí encontrasse o alivio, a esperança, a illusão, a doçura que, nos desesperos da vida, derrama a frescura da consolação e a graça matinal da fé! Deixae as catedraes, deixae!...

O incendio, ateado pelas granadas que intermitentemente choviam sobre o templo historico, adquirira enormes proporções. As labaredas, que na noite tinham um tom avermelhado, irrompiam ululantes dos madeiramentos carbonizados, subiam mais alto do que as flechas, alavam-se aos astros, torcendo-se no fio do vento. Um affetivo rumor de choros confusos, de soluços abafados, de preces, de vociferações pungentes, de pragas, de blasfemias contra os adversarios, vinha, das habitações fechadas, como a unica manifestação de vitalidade d'uma população impotente para maior desforço. A voz transcendente e misteriosa protestava sem recurso:

— Velha como sou — velha de toda a velhice — nunca contemplei tamanho crime! Ah! eu comprehendia que a artilharia se empregasse contra exercitos que podessem defender-se, que por sua vez atacassem.

A guerra é uma bestialidade e dependeu sempre menos da vontade coletiva — sobretudo desde que começou a fazer-se não pela conquista ou pela rapina mas mascarada pelas palavras do direito e da justiça — do que pela vontade de meia duzia de dirigentes a quem os povos se submettem passivamente. Por mim, apenas acho nobre a que ra das nacionalidades que pe'em pela sua independencia, das raças oprimidas que lutam pela integridade do seu solo e do seu lar. Mas, apesar de ser uma bestialidade, a guerra tem as suas leis. Armas contra armas, está bem. Porém, canhões de potente alcance assediados contra as cantarias d'uma catedral — logar santo em que se não procura o odio mas Deus, será uma profanação... E tal profanação odiosa ficará para sempre na historia, que é a consciencia escrita do ser pensante, como uma acusação inextinguível. Esse será o castigo perpetuo dos que, em algumas horas apenas, dismantelaram, abateram, o que levou anos sem conta e sofrimentos enormes a edificar, do que custou imensas vigílias, imenso genio, pacientes buscas, piedades, lirismos, enternecimentos!

Ao longe, no cume das iminencias que ao fundo limitavam o horizonte, a artilharia tedesca troava sem descanso, mandando sobre a catedral agonizante um ciclone de ferro e de lume, respondendo-lhe já a artilharia franceza, que acudira para proteger as maravilhas artisticas da França. A voz ignota relembra agora, n'aquella angustiosa noite de tragedia, o passado do templo secular:

— N'este momento, a França está perdendo alguma coisa da sua alma, da sua grandeza, da sua elevação, do seu corpo. Com a catedral de Reims, arde um dos seus mais brilhantes e eloquentes capitulos de historia. Desde o principio da dinastia dos Capetos, foram os arcebispos de Reims investidos da prerogativa importante de sagrar os reis francezes. Em 999, uma bula de Silvestre II — o illustre teologo Gerbert d'Aurillac, que na minha egreja professou em palavras d'ouro a teologia e que mais tarde ascendeu ao Pontificado — reconheceu aos prelados de Reims essa dignificadora qualidade.

Em 1179, o arcebispo Guilherme, o das Brancas Mãos, obteve do Papa Alexandre III um breve que proibia aos antistas da França — com exceção dos de Reims, que procedessem á sagração dos soberanos. E eis que com a morte da catedral, morrem tambem estas recordações. Ah! essa catedral admiravel que foi, durante seculos, por assim dizer, o coração da França catolica e monarchica, que conheceu os seus suntuosos reis e as suas esplendidas

rainhas, e que apesar de incompleta, pelas suas torres truncadas, constituia uma das obras mais puras da arte gofica, será lamentada ámanhã por toda a Europa culta: — mas o mal é irremediavel. Com ela, com as suas naves, com as suas arcaturas, com as suas colunas, pereceram as inumeraveis estatuas do portico, que dir-se-iam talhadas em carne viva, os vitraes que tumisavam a luz, as tapeçarias que eram exemplares unicos, as riquezas do seu tesouro, tudo o que de mais belo a Edade Media legára á França nos domínios resplandecentes da arte. E porque, porquê? Simplesmente porque os francezes, defendendo a sua Patria ameaçada, resistiram á invasão, levaram, na sua investida, os adversarios desde as linhas do Marne, d'onde já se entevia Paris como uma ótima presa, até ás linhas do Aisne, caldeando na luta energias vingadoras que hão de arrojor os invasores para lá da fronteira. Se não tivessem resistido, se se deixassem matar ou se entregassem em massa, então, a catedral de Reims, unica no Occidente, viveria como viveu desde as edades remotas, venerada pelos devotos, admirada pelos artistas de todas as nações, cantada pelos bardos em estrofes nervosas, ondulantes e impressivas, celebrada pelos homens de emoção intensa e de alma sensível. Mas a França resistiu e a catedral morreu!... Morreu, sepultando a propria Joanna d'Arc, a libertadora de Orleans, a virgem guerreira queimada viva e pousando, sorridente, os olhos expirantes no azul dos ceus, enquanto o lume da fogueira devorava as suas carnes que nenhuma impureza humana manchára. A sua morte não foi a morte natural, a morte inevitavel que se abate sobre tudo o que vive: — foi a morte do odio, da raiva, da colera, do furor que se não arazigua nem mesmo deante dos templos augustos onde as gerações cristãs correm em peregrinação a buscar a confiança para as suas atormentadoras hesitações, a flor da fé para os seus pessimismos esterilizados, o ideal, o consolo a suavidade...

O bombardeamento, que durará toda a noite, interrompeu-se, finalmente, ao alvorecer da madrugada, como se os canhões arquejantes de cansaço, exaustos de fadiga, não podessem despejar mais metralha sobre as ruinas. A voz desconhecida calou-se tambem, como se a dôr a houvesse emudecido para sempre. Os habitantes de Reims, tranquilizados pela tregua que tinha de ser bem curta, saíram dos seus esconderijos, indo ver o que da catedral famosa restava, aturridos, lacrimosos, passados de espanto e de terror. Do monumento legado á civilização contemporanea pelos seculos extintos, restava um montão de destroços. As torres demolidas tombaram sobre os telhados, abatendo-os; o fogo consumira tudo, desde os altares aos madeiramentos. Pelos nichos de portico, jaziam as estatuas de santos e donatarios, umas sem braços, outras sem pernas, outras sem cabeça, outras ainda com largas feridas abertas na carneção divina dos troncos. Ah! esse portico era tambem um campo de batalha, depois do combate. Os mortos e os feridos jaziam por toda a parte, inanimados, em attitudes espectraes ou grotescas. A catedral tinha vivido, como se dizia na Roma da epoca de Cicero. Então, de todos os peitos, de todos os labios, de todas as bocas partiu o mesmo grito dilacerante e fulgurante que na noite inolvidavel do bombardeamento continuamente se ouvia:

— Maldição! Maldição! Maldição!...

JOÃO GRAVE.



O encalhe do cruzador "Republica"



1

O cruzador *Republica* está tão próximo de terra que se avista de bordo a aldeia S. Bernardino



2



3

2. O cruzador *Republica* encalhado.—2. Outro aspecto do cruzador *Republica*

O cruzador «Republica» um dos nossos mais belos barcos de guerra que era comandado pelo capitão-tenente sr. João Fiel Stokler, encalhou junto ao Cerco da Consolação, na Praia de Peniche. A costa



As praças aprestando as bagagens e o material para o desembarque

n'este sitio é um constante perigo para os mareantes pela abundancia de penedos que n'ele existem. Foi o nevoeiro que motivou o encalhe do nosso vaso de guerra e que, apesar dos mais inauditos esforços para o pôrem a nado, parece que não se conseguirá fazel-o pela má posição em que o pozeram os fortes embates das ondas. Toda a tripulação, armamentos e carga foram salvos.

O cruzador «Republica» acabou ainda ha pouco de receber um importante concerto nas maquinas, nos alojamentos, na artilharia, nas instalações electricas, etc. Depois, entrou em armamento e fez no Tejo

as suas primeiras experiencias de velocidade, procedendo a seguir, em dois dias consecutivos, ao que se chama acertar as agulhas. E saiu de Lisboa para um cruzeiro, a fim de continuar as experiencias de maquinas e caldeiras, velocidade, consumo de carvão, exercicios diversos, ins-

trução de aspirantes e ainda outras missões de caracter reservado, que são dadas a todos os navios da nossa divisão naval, quando saem a barra. O «Republica» tocou em Lagos e no seu regresso é que se deu o triste successo, que muito contristou a brisa corporação da armada que perdeu um dos seus melhores navios.



Um grupo de marinheiros

(Clichés Benoliet).

Lgrimas de mãe

(Do novo poemeto : *Mãe*)



*Ha lagrimas d'orvalho que as auroras
Vão ofertar aos mil jardins virentes.
Ha lagrimas sentidas que a deshoras
Cãem a flux das faces indigentes.*

*Ha lagrimas de fel, esmagadoras,
Avidas de vingança ou insolentes :
Ha lagrimas fingidas e traidoras
Que envenenam as almas inocentes.*

*Oh ! mas lagrimas puras como o lirio,
Nobres, d'eterno amor e de martiri,
Onde se espelhe a luz da sã verdade,*

*Ide-as buscar às almas cristalinas
Das mães, d'essas estrelas malutinas
Que vão guiando a nossa mocidade !*

Mario Florival



○ O VELHO MUNDO EM GUERRA =



Os germanofilos não se cansam em dar como precária no atual conflito a situação da

Rússia. A evacuação da Galícia, a perda de Varsóvia e as dificuldades, aliás previstas, que os aliados tem encontrado em chegar ao Mar de Mármara, são outras tantas causas graves que eles crêem levar aquele império a fazer a paz isolada.

Segundo dizem os últimos telegramas, a Alemanha já adiantou propostas para essa paz, tendo-as a Rússia repellido com firmeza e dignidade.

Opinam os melhores críticos militares, alguns e mesmo poucos afeitos aos aliados, que ainda são grandes as condições de resistência da Rússia e que aqueles insucessos podem ser largamente compensados de um momento para o outro por novas vitórias, não devendo a retirada das tropas russas d'alguns pontos, onde faziam centro de operações, ter obedecido senão a motivos de ordem estratégica.

Tomára a Turquia ter ainda metade dos recursos da Rússia. Essa é que se encontra n'uma situação deveras periclitante. Sem munições de boca nem de guerra, perdendo todos os dias milhares de homens, bloqueada por todos os lados, não conseguindo as promessas nem as ameaças alemãs demover a Bulgária a dar-lhe uma passagem; é mais fácil por isso e pelos seus poucos escrúpulos o

império otomano trair a Alemanha e a Austria, do que o império russo os seus aliados.

Não tem sido poucos os casos de revolta dos turcos contra os officiaes alemães que os comandam, nem as demonstrações de descontentamento por aqueles dois imperios não corresponderem ás promessas de dinheiro, de armas e de munições com

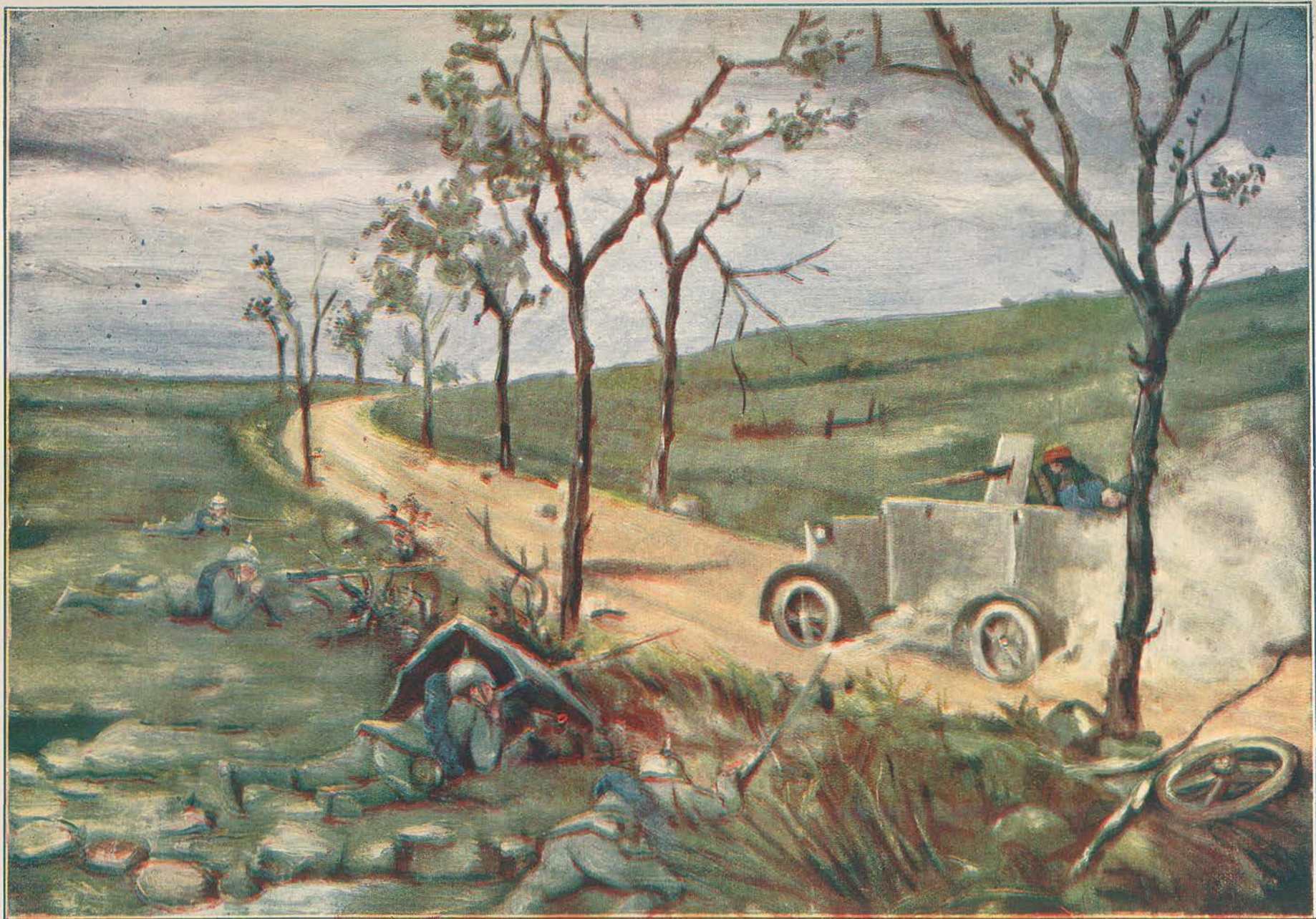
que engodaram a Turquia a pôr-se do seu lado. A situação d'esta é tão desesperada que a Alemanha vê-se obrigada a tentar abrir caminho através da Servia e da Bulgaria. Nas fronteiras dos dois paizes dão-se já como reunidas algumas dezenas de milhares de soldados alemães e austriacos prestes a invadir-os. E' provavel que a esta hora já o tenham feito, duvidando nós muito do resultado d'essa investida.

Não sabemos tambem aonde os exercitos austro-alemães, divididos e desmantelados como tem muitos dos seus corpos, vão buscar 300 ou 400.000 homens, o minimo que se julga necessario para tentar tão temeraria e brutal empreza. E mesmo que, esmagando e destruindo pelos seus processos, consigam abrir passagem á Turquia, quaes os recursos que lhe podem levar, a ela que os necessita de toda a natureza? Certamente nenhuns, porque a Alemanha e a Austria já não sabem como acudir ás suas necessidades quanto mais ás dos outros.



O coronel de um regimento francez adotou a gaita de foles e uma especie de flautim dos inglezes para manter o patriotismo dos seus homens





Automovel couraçado francez lutando com os postos avançados alemães em Cambres

(Desenho de Frost na «Illustrirte Zeitung»).

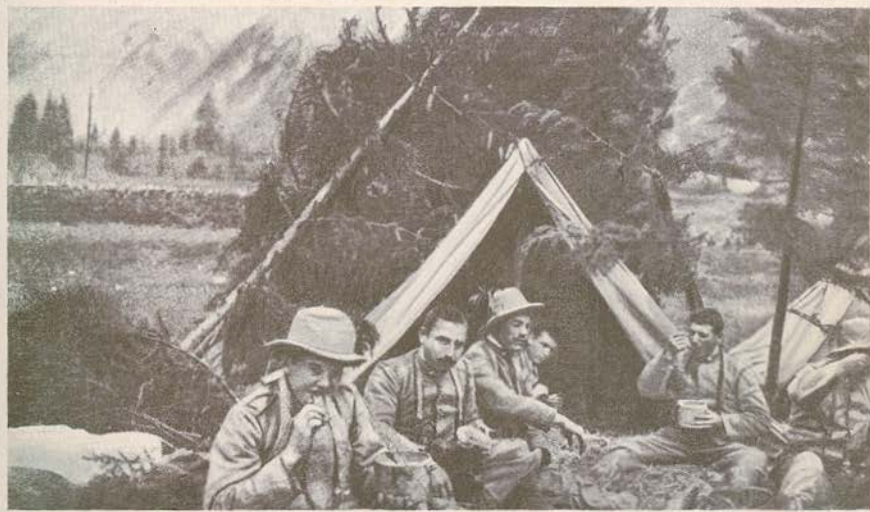
NA FRENTE DA BATALHA



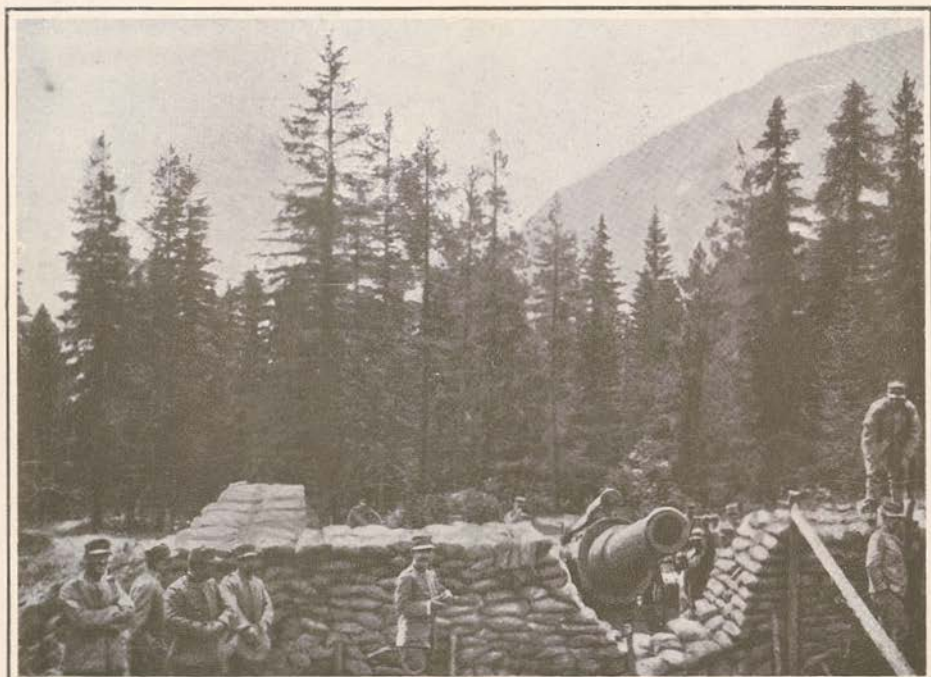
O rei de Italia côm o conde de Torino inspecionam as forças italianas
(Cliche Alberto Mariani).



Um grupo de bavaros aprisionados pelos italianos no Monte Croce Cassico



A' hora do rancho no acampamento dos bersaglieri



Uma peça de artilharia italiana em posição



Um projétil de 365 suspenso de um guindaste para dar entrada na respetiva peça



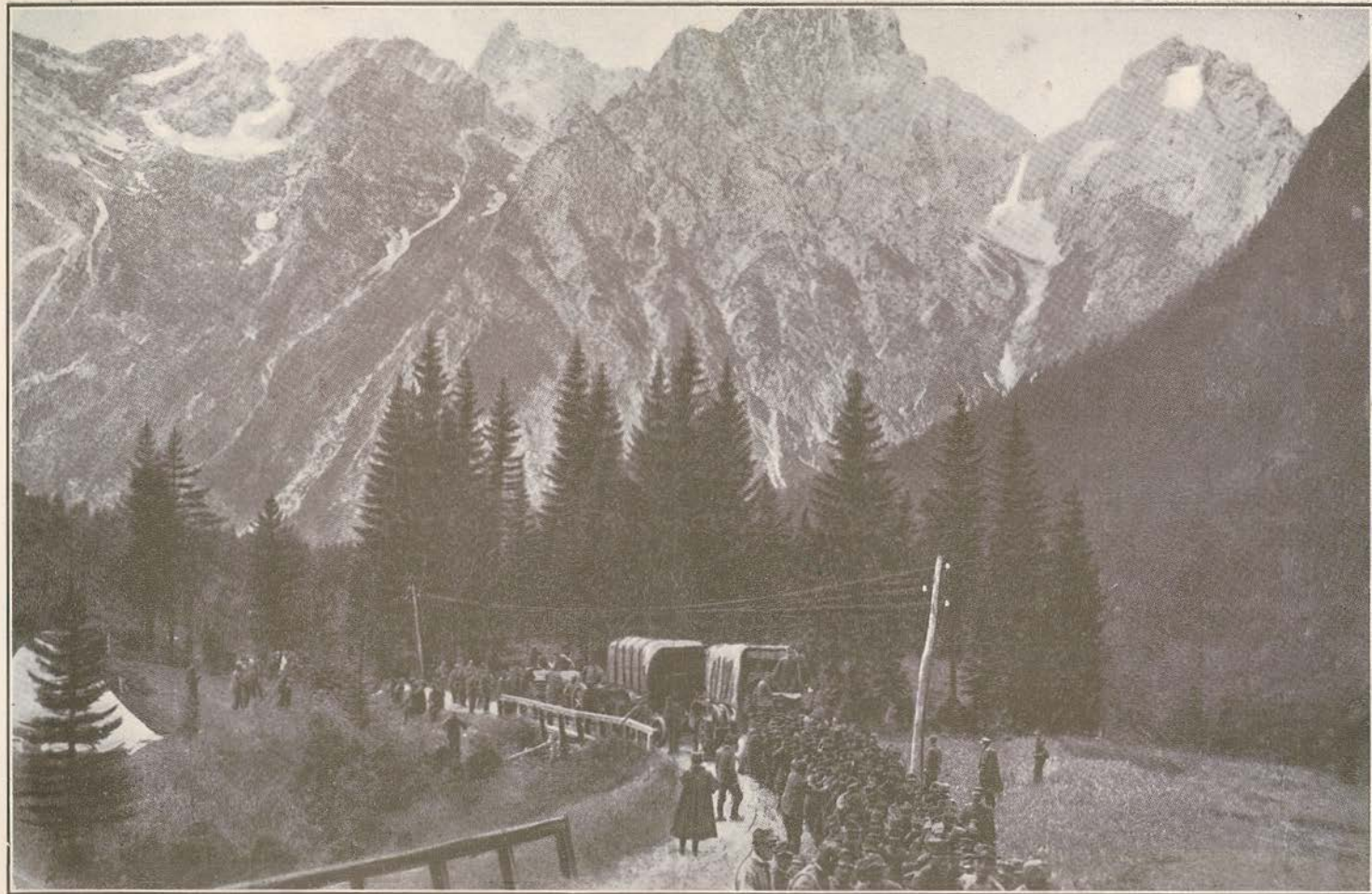
Arrumando sacos de areia n'uma trincheira durante um avanço

(Desenho de F. Matania, da «Sphere».)



O rei de Italia faz uma visita de surpresa aos alpinos na frente da batalha e é extraordinariamente aclamado

(The Illustrated London News)



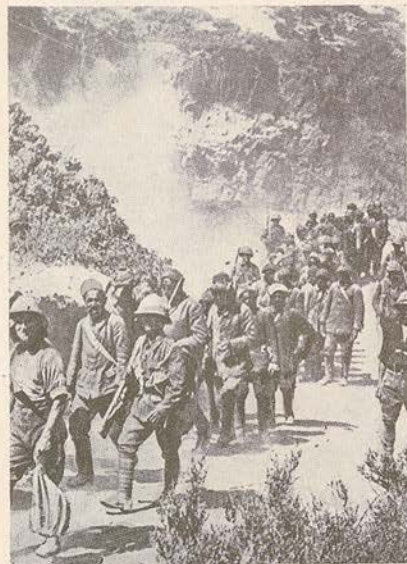
Italianos contra austríacos:—Aspeto do cume do Dolomiti por onde os italianos tem feito, a muito custo, uma prodigiosa passagem de tropas e de munições



Na Polónia russa: Os russos resistem heroicamente ás tropas austro-hungaras



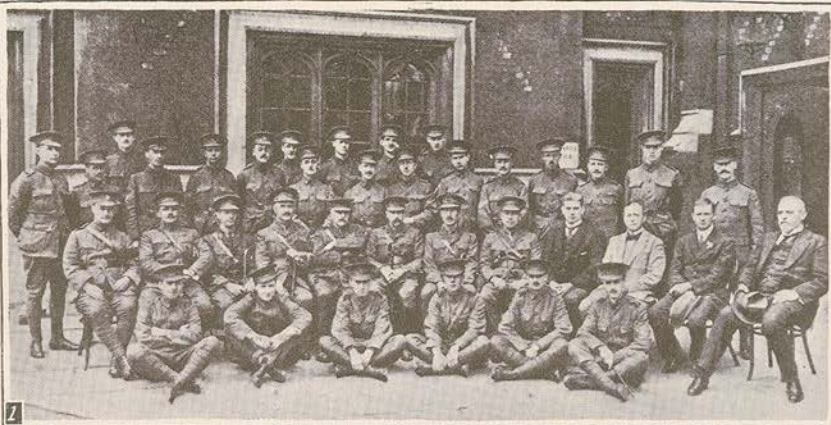
Em Galipoli.—Prisioneiros turcos instalados em um recinto vedado por arame farpado em Seddul-Bahr



Um comboio de prisioneiros turcos com destino ao lugar da prisão.



Uma peça de sítio conquistada aos turcos pelas tropas inglesas.



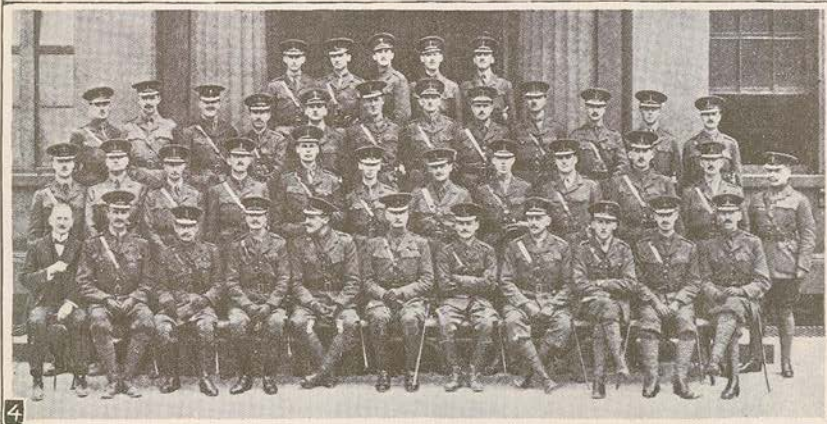
2



2



3

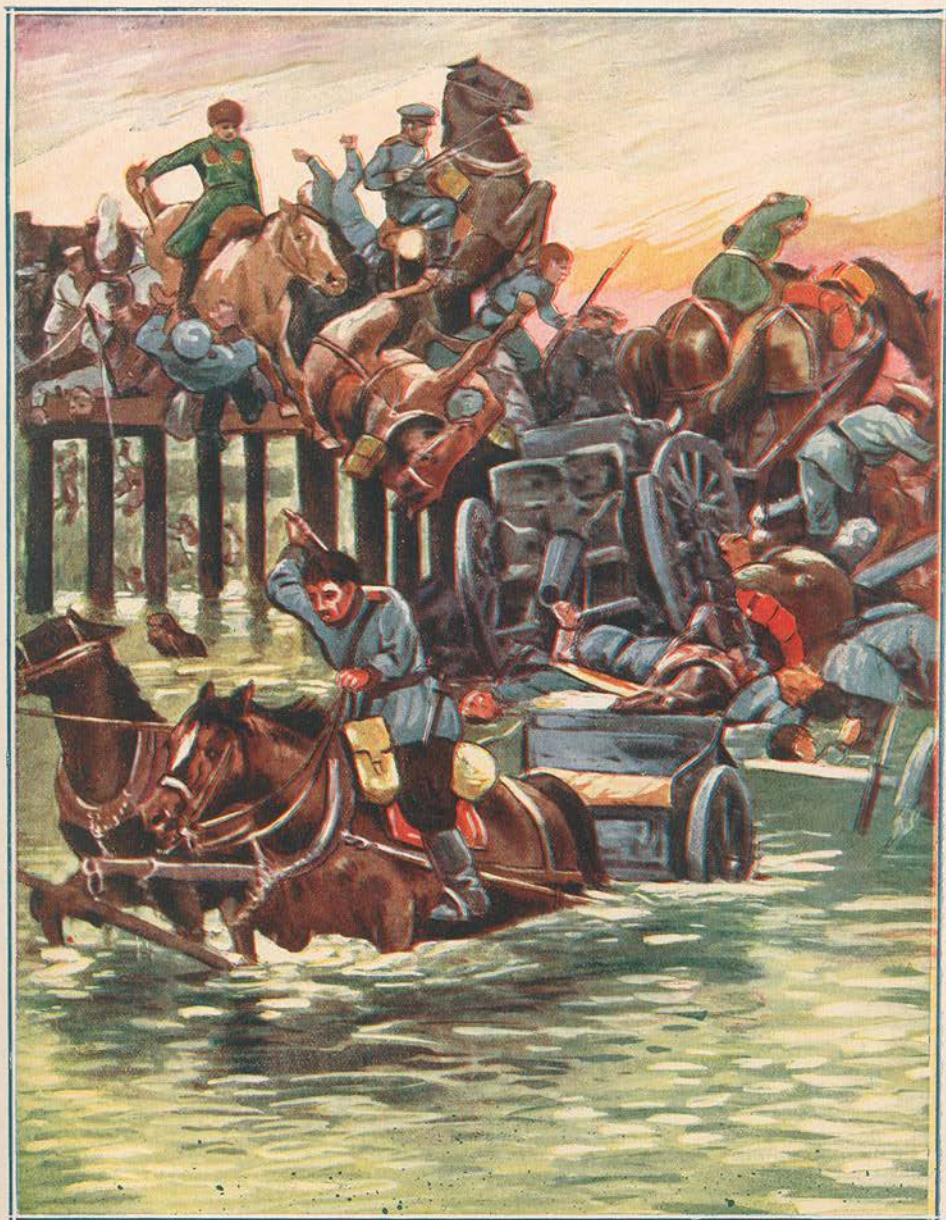


4

1. Estado maior e officias da guarda galeua — 2. Na Alsacia: O general Joffre é recebido festivamente no territorio reconquistado pela França, cobrindo-o de flores as alsacianas—3. Na Alsacia: O general Joffre pisando a bela e gloriosa terra d'Alsacia, libertada dos alemães—4. Todos os officias da guarda galeua, o mais recente dos regimentos inglezes



A Itália contra a Austria.—Manifestações no Tírol ao partirem as tropas para o campo de batalha



Um episódio da batalha entre austro-alemães e russos

(Desenho de W. Brandes).

As mulheres inglesas no trabalho de munições



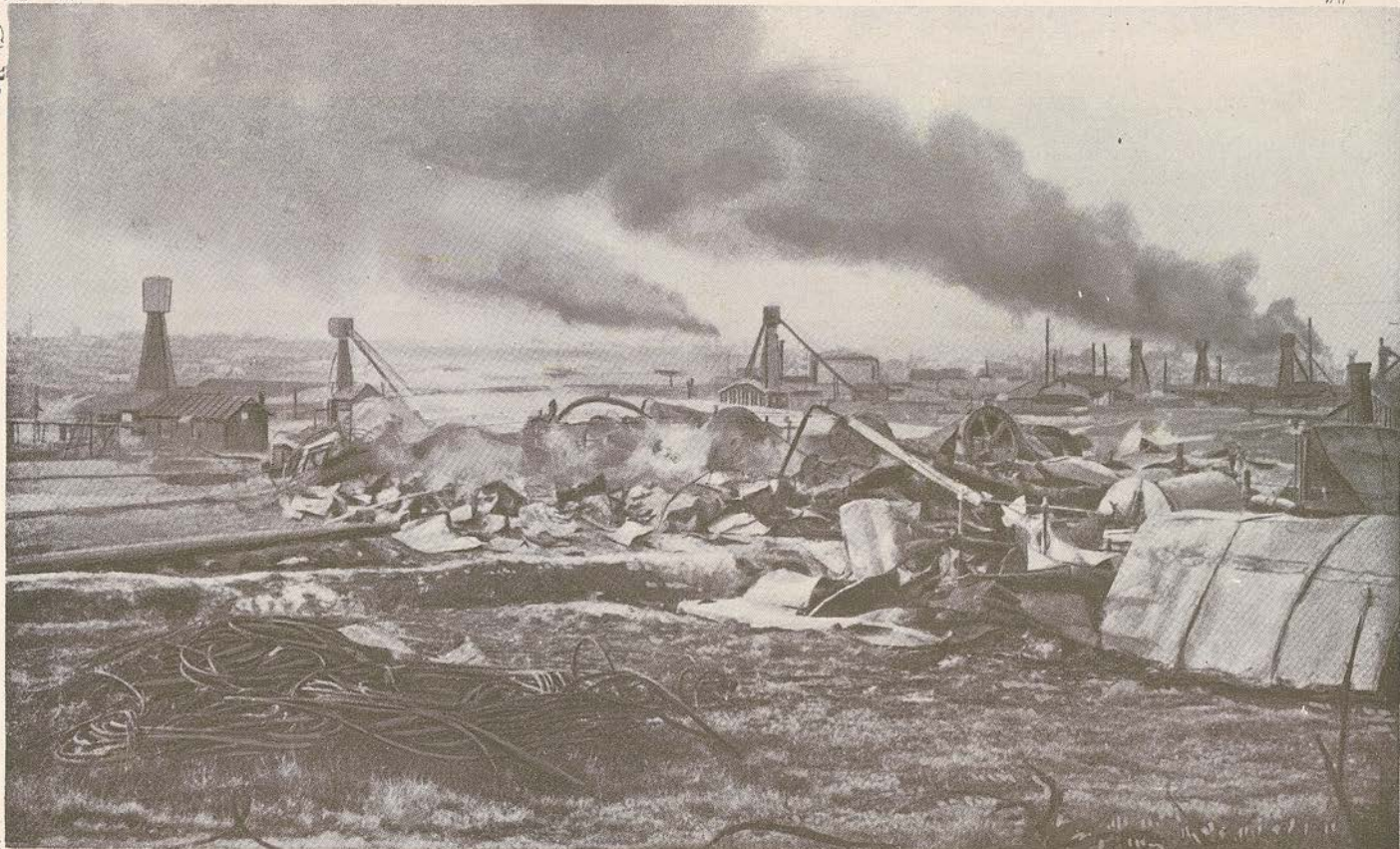
Um grupo de novas fabricantes de munições, cujo numero se eleva já a 50.000, mostra-se muito animado ao partir de manhã para o trabalho.



As novas operarias, cujo trabalho não é inferior ao dos homens, chegam à fabrica de munições para começarem o seu serviço.



Das novas operarias 40.000 desfilam pelo Piccadilly n'um imponente cortejo, convidando os rapazes a alistarem-se no exercito e a partirem para a guerra.



A guerra na Galícia.—Ruínas produzidas pelos alemães, vendo-se a arder as minas de nafta de Boryslav



..Nos Vosges.—Barricada feita pelos francezes n'uma estrada da floresta para impedir o avanço dos alemães

O NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA

Já a Ilustração Portuguesa

prestou a homenagem do seu respeito ao terceiro presidente da Republica Portuguesa, mas não pôde deixar de arquivar nas suas paginas o conorno rapido de uma das individualidades mais privilegiadas da nossa terra pela intelligencia, pelo coração e pela vasta cultura d'um espirito superior. Da *nossa terra* fizemos nós, porque embora o sr. dr. Bernardino Machado tivesse nascido no Rio de Janeiro (28 de março de 1851), tivemos-o sempre por tão portuguez d'alma, como de sangue pelos primeiros bairros de Joaze, seus paes. A terra que o acolheu desde os 8 anos; onde ele tinha toda a sua ascendencia, com os seus



deixou de viver, amando-a com entranhado afeto, é a sua verdadeira patria. Desde os bancos da escola á culminancia social a que o Congresso o acaba de elevar, como uma digna re compensa de quem tanto e tão devotadamente trabalho u pela causa republicana, a vida publica do sr. dr. Bernardino Machado tem sido sempre orientada pelas mesmas vistas honestas que a sua vida particular. Conhecemo-lo sempre — e ha quantos anos isto vae! — amando a grande familia portugueza como a sua, adorando toda a terra de Portugal, como o seu proprio lar. Durante muitos anos a sua missão foi ensinar. Não era só na universidade, no Instituto Industrial, emfim, na cathedra, que ele era professor.

O sr. dr. Bernardino Machado, 3.º Presidente da Republica Portuguesa

velhos e queridos solares no Minho, e onde ele nunca mais

Ensinava nos congressos, nas conferencias, nos jornaes, em

toda a parte onde a sua palavra elegante como a sua pena, ao meta de fé e de convicção como a de um evangelista, o podia fazer. Foi ele quem lançou a revolução pedagógica entre nós, como o meio mais seguro de chegar vitoriosamente às outras revolu-



ministro, que o impeliu para a politica. Ainda nos lembra perfeitamente de como o vimos já contrariando poucos dias depois de ser ministro das obras publicas por não querer ser solidario n'uma d'essas muitas coisas que vieram mais tarde a somar no descabro da monarchia. Com



ções. Creou um verdadeiro apostolado da instrução popular; só via o engrandecimento d'este paiz pelo ensino, e com o problema da educação p'endia todos os grandes problemas sociaes, tornando-se um propagandista que os governos d'então, cada vez mais sobresaltados pela ideia de reivindicações das classes trabalhadoras, não perdiam já de vista.

Foi ainda o amor á instrução que o levou ao parlamento, que o fez aceitar a pasta de

aqueles escrupulos, com aquele peisistente ideal do bem publico, com a convicção arreigada de que se tinham de reforma *ab initio* muitos processos da nossa administração, fossem quaes fossem os interesses pessoais que se dessem por lesados, não lhe agourámos grande vida de ministro.

Retirou da politica; acolheu-se ao seio carinhoso da familia; reteperou-se na Suissa, tratando da educação dos filhos; alargou mais as suas vista pelo modo de



1. D. Praxedes de Souza Ribeiro Guimarães, 1.º barone de Joane.—2. Antonio Luiz Machado Guimarães, 1.º barão de Joazeiro.—3. O sr. dr. Bernardino Machado, *catobro*.—4. O sr. dr. Bernardino Machado, *novato*.—5. Os condiscipulos do dr. Bernardino Machado na faculdade de Filosofia. Da esquerda para a direita, em pé, Antonio Maria de Serra, Lemos Peixoto e Antonio da Silva Sereno; sentados: Bernardino Machado, Joaquim Urbano e Daniel de Matos



ser dos povos modernos; sonhou Portugal tamoem como uma republica, batalhou por esta com ardor e sem des-

a Republica, continuou a prestar-lhe serviços incalculaveis em cargos importantes e agora ascende á sua pre-



canço recrutando combatentes em todos os campos politicos e em todas as posições sociaes, porque o seu prestigio, a sua vasta cultura e os primores da sua educação exerciam uma especie de magia. Veiu



sidencia, como o termo logico da sua carreira que, sempre por caminho réto e justo, tinha forçosamente de vir parar á que le glorioso marco. A obra do dr. Bernardino não podia deixar de er tão alta consagração.

1. O dr. Bernardino Machado, com seus filhos Antonio e Miguel, na Suissa depois de ter abandonado o parlamento, desgostoso com a marcha da politica.—2. O dr. Bernardino Machado, com suas filhas D. Jcaquina e D. Alzira no Rio de Janeiro onde tão assinalados serviços prestou ao bom nome e aos interesses de Portugal como seu ministro plenipotenciario.—3. O solar do dr. Bernardino Machado em Moledo do Minho.—4. O palacete do dr. Bernardino Machado em Vila Nova de Famalicão.—5. O palacete do dr. Bernardino Machado em Faredes de Coura.—6. Quinta do Rcuço, em Famalicão, pertencente ao dr. Bernardino Machado.

O sr. dr. Bernardino Machado, sua esposa, seus 15 filhos e 7 netos



1. Sr. dr. Bernardino Machado e sua esposa D. Elzira Dantas Machado.

Os filhos do dr. Bernardino Machado: 2. D. Elzira Severina; 3. D. Maria Manuela; 4. D. Joaquina Mariana e D. Maria Francisca; 5. D. Rita Olimpia; 6. D. Jeronima Rosa; 7. Joana; 8. Miguel; 9. Bento; 10. Inacio; 11. D. Sofia Alexandrina; 12. Domingos; 13. Bernardino; 14. Narciso; 15. Antonio.—Os netos do dr. Bernardino Machado: 16. Maria Gonçalves; 17. Julio e Bernardino Machado Vaz; 18. Antonio e Maria Elzira Machado; 19. Maria Adelaide e Maria Elzira Machado de Sá Marques.

O Porto manifesta a sua simpatia pelo sr. dr. Afonso Costa



1. Os manifestantes do Porto saindo da estação do Rocio.

2. O sr. dr. Afonso Costa, á janela da sua residencia, agradecendo aos manifestantes.



Os manifestantes em frente da casa do sr. dr. Afonso Costa

12.4.3

(Clichés Benoliel).

Inauguração do Asilo Elias Garcia

Torres Vedras, uma das vilas de Portugal que se tem elevado com o seu esforço unico a ponto de ser considerada, tanto na sua agricultura, como no seu commercio, uma das mais importantes da região estremenha, vestiu

as suas melhores e as suas mais garridas galas para receber o presidente da Republica, o presidente do conselho de ministros, ministro do inte-



Vista geral do antigo convento do Barro, transformado no Asilo Elias Garcia

rior, senadores e deputados pelo seu circulo e muitos convidados que foram assistir á inauguração solene do Asilo Elias Garcia, estabelecido desde a proclamação da Republica no antigo convento do Barro. Este asilo

é dirigido pelo sr. José França Borges, que a ele tem dedicado os seus melhores esforços para o elevar a uma casa de caridade modelar,



O presidente da Republica, sr. dr. Teofilo Braga, acompanhado dos presidentes do ministerio e do senado e da camara municipal de Lisboa, ministro do interior, provedor da Assistencia Publica, viuva de Elias Garcia, o diretor do asilo, sr. José França Borges, senadores e deputados pelo circulo, administrador do concelho, secretario da presidencia da Republica e dos ministros e outros convidados depois da inauguração do asilo.



A banda da Guarda Republicana de Lisboa á frente do cortejo

onde os internados recebem alimentação apurada e abundante, tendo umas camaratas em que o accio é extraordinario e gosando de certas regalias que o seu diretor lhes dispensa com ineguaivel carinho.



O presidente da Republica, a viuva de Elias Garcia, o sr. Filipe da Mata, o sr. dr. José de Castro e o sr. José Franca Borges

As ocaerças das escolas que se incorporaram no cortejo

A festa excedeu tudo quanto havia a esperar, reinando no Asilo e na vila a mais viva alegria pelo ato que se realisava e pela visita de tão illustres personagens áquele baluarfe das instituições republicanas.



O presidente da Republica e mais convidados no pavilhão erguido junto á rua Elias Garcia — (Clíchê Benedit).

FIGURAS E FACTOS



Redatores do *Comercio do Porto*, que ha dias foram em digressão ao Bom Jesus do Monte. Na 3.ª fila, em cabelo, vê-se o sr. Francisco Correia Mesquita Guimarães, correspondente do mesmo jornal em Famalicão, que na sua linda vivenda ofereceu um lauto banquete de confraternização aos mesmos redatores, na volta de Braga



A sr.ª dr.ª D. Maria Evangelina Piólo que tirou, com distincção, o curso de medicina na Escola de Lisboa



O sr. dr. Mauricio Teles, distincto economista e homem de letras brasileiro, autor dos notaveis livros «O Brazil e a Emigração» e «Brazil e Portugal»



O sr. dr. Carlos Sobreiro Grana, novo medico pela Escola de Lisboa, na qual fez seu curso que muito o honra



Grupo dramatico Beneficencia de Mêda que tomou parte na festa a favor d'uma caixa escolar. Da esquerda para a direita, em pé, srs. Alfredo d'Albuquerque, Antonio Rebelo, Leovejildo Brandão, Adelino d'Abrunhosa, autor da opereta *Crime e Perdão*; Francisco Saraiva, dr. Artur Faria, pintor e cenógrafo; cistinto; Miguel de Magalhães, Duarte Prandão, ponto; Celestino Felício, regente da orquestra.—3.º plano: mesdemoiselles Augusta Sequeira, Silvina Rebelo, Acelina d'Abrunhosa, Aniceta d'Almeida, madame Saraiva, mesdemoiselles Joventina d'Abrunhosa, Antonia Sequeira, Carmo d'Abrunhosa e Palmira.—3.º plano: José Felício, José d'Almeida, Manuel Abrunhosa, menina Chica d'Abrunhosa, Anibal Machado, Wenceslau Figueira e Joaquim Sequeira

**CIGARROS
DE ABYSSINIA**

EXIBARD

Sem Opio nem Morphina.

Muito eficazes contra a

ASTHMA

Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmódicas
das vias respiratorias.

35 Anos de Bom Exitto. Medalhas Ouro e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
6, Rua Dombasle, 6
PARIS
E BOAS PHARMACIAS

DORES DE COSTAS

PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias; calculos; nevralgias; rheumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram — se á venda em todas as pharmacies e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & C^o, Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, N^o 85, Porto.

Lêr na quinta-feira proxima o

Seculo Comico

Preço 1 centavo

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações	360:000\$000
Obrigações	383:910\$000
Fundos de reserva e amortisação	666:400\$000
Total	850:310\$000

Jede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marlianala e Sobreirinho (*Tonar*), Penedo e Casal d'Hermito (*Louzá*), Vale-Maior (*Albergaria-a-Velha*). Instaladas para uma produçao annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressao e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina, continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes Jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — *Escritorios e depositos:* 276, RUA DA PAINEZA, 276, LISBOA. — 49, RUA DE PASSOS MANOEL, 31, PORTO. — End. teleg. em Lisboa e Porto: *Companhia Prado*. Numero telefonico: LISBOA, 605 — PORTO, 117.

Compra e venda de propriedades

HYPOTHECAS

Em Lisboa e Provincias
Trata. A. GOMES DA SILVA
R. Augusta, 229, 2.^o Lisboa

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N^o 2777-LISBOA

Trabalhos de Zincogravura,
Impressão e

Fotogravura, Stereotipia,
Composição

Stereotipia

De toda a especie de
composição

Composição

e impressão

De revistas, illustrações
e jornaes diarios
da tarde ou da noite.

FAZEM-SE NAS
OFICINAS DA

Illustração Portuguesa

Postas á disposiçao do publico, executan-
do todos os trabalhos que lhe são
concernentes, por preços mo-
dicos e com inexcedi-
vel perfeiçao

Zincogravura e Fotogravura

Em zinco simples de 1.^o
qualidade, cobreado
ou nicklado.

Em cobre.

*A cores, pelo mais
recente processo — o de
trichromia.*

*Para jornaes, com tra-
mas especiaes para este
genero de trabalho.*

CASSIONOL

Pois sim
rala-te!!
Eu uso
CASSIONOL

DEPOSITO GERAL:

DROGARIA

Alves & Simões, Sucessor

210, RUA DE S. PAULO, 212

SILVA E SOUZA